



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de posse do novo ministro do Meio Ambiente, Carlos Minc**

Palácio do Planalto, 27 de maio de 2008

Meu estimado companheiro José Alencar, vice-presidente da República,
Meu mais novo ministro empossado, Carlos Minc, ministro de Estado do
Meio Ambiente,

Minha querida companheira Marina Silva, ex-ministra e hoje senadora da
República,

Meu caro Capobianco, que assumiu o cargo de ministro interino com o
afastamento da companheira Marina,

Minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa
Civil,

Meus companheiros governadores de estado, estou vendo aqui o
Wellington, do estado do Piauí; Sérgio Cabral, do estado do Rio de Janeiro,

Companheiros ministros presentes,

Companheiros deputados,

Companheiros senadores,

Companheiros e companheiras que vieram a esta posse do
companheiro Carlos Minc como ministro do Meio Ambiente,

Não é a primeira vez que eu digo que esse é o pior momento do
exercício do governo, talvez em todos os níveis. Sempre a saída de um
companheiro ou de uma companheira do governo nos deixa muito
sensibilizados e muito tristes, ao mesmo tempo em que a entrada de um novo
companheiro é motivo de alegria.

Eu penso que, de uma vez por todas, nós precisamos compreender que
a questão ambiental no Brasil e no mundo precisa ser tratada com a seriedade,



não que o mundo exige de nós, mas com a seriedade de quem precisa cuidar dos que hoje habitam o Planeta e dos que virão depois de nós.

Eu penso que todos nós sabemos que acabou o tempo em que as pessoas entendiam que o processo de degradação ambiental, de poluição das nossas águas, de matança da nossa fauna, da nossa floresta fosse qualquer exemplo de desenvolvimento.

Eu fui deputado constituinte e lembro que naquele período, quando se discutia a questão ambiental, havia um debate se nós iríamos permitir o crescimento da população de jacaré no Brasil, ou se nós iríamos distribuir motosserra para resolver o problema do desenvolvimento da Amazônia. Eu lembro até que um canal de televisão tinha um programa especial, transmitido lá do estado do Amazonas, em que a disputa se dava entre os que queriam salvar os jacarés e os que queriam cortar, com motosserra, toda a Amazônia. E isso perpassou meses e meses da Constituinte.

Lembro de outros debates em que muitas pessoas tratavam a questão ambiental como se nós quiséssemos transformar todos os lugares a serem preservados, como se fossem uma coisa intocável, sem levar em conta que era possível encontrar sempre um jeito de fazer com que o desenvolvimento pudesse chegar a todas as regiões do País sem que nós precisássemos destruir aquilo que era essencial à vida humana.

A companheira Marina cunhou uma frase importante, logo que tomou posse como ministra, em 2003, que tinha acabado, no Brasil, o momento em que se discutia apenas a palavra “proibir fazer”. E ela disse: Ao invés de proibir fazer, nós precisamos discutir o “como fazer”. E esse foi o comportamento da companheira Marina, durante 5 anos e meio em que foi ministra do Meio Ambiente.

Sabe a companheira Marina que não foi fácil, não é uma tarefa fácil. Porque sempre haverá aqueles que acham que desenvolver o País é degradar, e sempre haverá aqueles que acham que desenvolver o País é destruir um



pouco das coisas que nós temos, a qualquer custo. Isso não é verdade e não pode ser assim. Mas, também não pode ser verdade que não se possa fazer nada, como também alguns defendem, tentando transformar determinadas áreas do Brasil em santuários da humanidade. A Marina provou que a sensatez, a habilidade política, o respeito às leis e a competência técnica podem trabalhar juntos, quando se instituiu a transversalidade no nosso governo e conseguimos fazer o projeto da rodovia possivelmente mais bem projetada, que foi a BR-163. Soube fazer isso também, quando depois de discutir com tantos e tantos ministros, conseguiu organizar o licenciamento para que nós pudéssemos fazer o processo de integração das bacias do São Francisco com o processo de revitalização. Soube fazer isso quando, na última semana antes de sair, apresentou aqui, neste plenário, o Plano Amazônia Sustentável. Um programa que levou quase cinco anos para ser elaborado, um programa que levou quase cinco anos para ser elaborado, um programa em que teve a paciência de ouvir todos aqueles que pensavam contra, todos aqueles que pensavam a favor, os governadores, os prefeitos, os especialistas. E o resultado de tudo isso foi a apresentação de um programa, apresentado aqui neste salão e que, lamentavelmente, companheira Marina, não mereceu quase nenhuma lembrança da imprensa brasileira. Se você pegar o que foi publicado do PAS, no dia seguinte, a impressão que eu tive é que nós não fizemos nada aqui, porque os ouvidos moucos não quiseram retratar a força daquilo que aqui foi apresentado.

A companheira Marina sabe, como ninguém, o quanto ela apanhou. Não foram poucas as vezes em que, em conversas com a Marina, ela me dizia: “Eu já falei, já dei entrevista, já publiquei, mas não adianta, Presidente, não sai”. Porque, muitas vezes, as coisas para acontecerem no Brasil, precisam estar primeiro no *New York Times*. Foi assim que o nosso bravo lutador Chico Mendes, depois de anos e anos de luta, começou ser conhecido e a ser levado a sério no Brasil, sobretudo por uma parte do Brasil mais distante de Xapuri,



depois que ele foi premiado internacionalmente.

Hoje, eu vejo o mundo falar da Amazônia como se o mundo, além do interesse, que é bom que se tenha pela Amazônia, quisesse dizer que a Amazônia é uma coisa do mundo e não uma coisa do Brasil.

Eu, muitas vezes, leio artigos nos jornais, leio entrevistas de dirigentes estrangeiros, que ao discutir a questão do aquecimento global, eles não discutem o desmatamento que já fizeram nos seus países, eles não discutem a quantidade de emissão de gases CO₂ que emitem todo santo dia, eles não discutem diminuir minimamente o padrão de consumo que eles têm, porque eles acham que nós, brasileiros, temos que fazer aquilo que eles não fizeram e sequer, tomaram a decisão de cumprir o Protocolo de Quioto, que todos assinaram.

E mais grave ainda, é que tentam passar para a sociedade, no mundo inteiro, a idéia de que agora vai ter uma inflação de alimento no mundo, e a inflação de alimento será causada pela produção de biocombustíveis, sobretudo pelo etanol brasileiro ou pelo biodiesel brasileiro, sem sequer querer discutir concretamente se isso é verdade ou se é mentira. Qual é a base científica para você fazer uma afirmação dessa, sem sequer fazer uma única crítica ao aumento do preço do barril de petróleo que, em poucos anos, disparou de 30 para 135 dólares o barril? Isso não se discute, companheiro Celso Amorim. Não se discute, por exemplo, quanto que o aumento do petróleo implica no custo do frete que transporta o alimento que nós comemos no mundo. Isso não se discute, companheiro Sérgio Cabral. O que se discute é a coisa maléfica que o biocombustível pode causar, se nós, nem sequer, começamos a produzir aquilo que nós achamos que o Brasil e o mundo podem produzir, sem precisar tocar numa árvore da floresta Amazônica, sem precisar mexer numa árvore dos parques que nós transformamos em reservas, e que não foram poucas neste País.

Eu me lembro das discussões infundáveis que nós fizemos aqui para que



a gente conseguisse desenvolver a hidrelétrica do rio Madeira. Lembro das brigas que criaram entre a Dilma e a Marina. Eram os desenvolvimentistas a qualquer custo contra os ambientalistas a qualquer custo. E eu, que participava das reuniões com as duas, não via a briga que eu lia no jornal no dia seguinte. Eu não conseguia entender quem é que passava aquela divergência. Eu, de vez em quando, olhava se embaixo da minha mesa tinha um pequeno anão que passava a notícia que eu não tinha discutido, porque não era possível. Quantas vezes eu fui dormir pensando em descobrir quem era uma tal de fonte que passava informações que não tinham acontecido na minha mesa. Eu sei do tormento que você viveu, Marina, porque não foram poucas as vezes em que conversamos. E sei, meu caro Minc, do tormento que você vai viver.

No primeiro momento, tentou-se vender a idéia seguinte: Marina sai porque é ambientalista e Minc entra porque é desenvolvimentista. Sai uma mulher que queria preservar a Amazônia, uma mulher do Acre, e entra um carioca que quer destruir a Amazônia. Eu, como conheço os dois há 30 anos, sei que nenhuma das duas versões é verdadeira. Nem o Minc é um cortador da Amazônia e nem a Marina deixou de levar a sério todas as possibilidades de apresentar, como apresentou no Plano Amazônia Sustentável, as possibilidades de levar o desenvolvimento para aquela região, de melhorar a vida dos seringueiros, de melhorar a vida dos extrativistas, de melhorar a vida dos pescadores, de melhorar a vida dos agricultores e de permitir, inclusive, que a indústria madeireira pudesse sobreviver fazendo as coisas corretas como têm que ser feitas. Quem viveu esses cinco anos e meio com a Marina, e eu tive o privilégio de viver mais, antes de ser governo do que depois de ser governo, posso dizer que muitas vezes, Marina, a injustiça foi dura.

Eu, aliás, queria confessar uma coisa agora. Eu, nesses cinco anos e meio em que a Marina foi ministra do Meio Ambiente, eu vi pouquíssimas colunas falando bem da Marina, a maioria falava mal, sobretudo quando tinha um anúncio de alguma coisa nova. E a impressão que eu tenho, Marina, é que



depois que você entregou a carta dizendo que gostaria de fazer outra caminhada, algumas pessoas resolveram falar de você o que poderiam humildemente ter falado quando você era ministra, porque você merecia antes, durante e merece depois.

Eu sempre digo que eu não tenho depressão, mas, às vezes, eu fico assim meio deprimido. Não chega a ser uma depressão, não preciso de analista, não preciso de nada. O meu analista é o dia seguinte, é a verdade que demora um pouco, mas aparece. Eu, quando convidei a Marina para ser Ministra do Meio Ambiente, é porque eu conhecia a trajetória política da Marina. Antes de ser presidente da República, antes de ser deputado federal, antes de passar sequer, Minc, passar aqui... Aliás, eu passei aqui, na década de 80, Marina, e eu lembro que era um ônibus cheio de metalúrgicos, a gente estava sendo julgado pela Suprema Corte, pela morte do nosso companheiro de Brasília, Wilson. A gente tinha sido condenado, e a gente veio aqui, para o julgamento no Superior Tribunal Militar. E a gente pegou um ônibus cheio de metalúrgicos, Dulci, e fomos andar na Esplanada dos Ministérios. E eu lembro que, um dia, a Marisa olhou assim para mim, a gente passando naquelas casas, naquelas mansões, a Marisa falou: “Vocês são um bando de trouxas, se vocês acreditam que um dia os do andar de cima vão deixar os do andar de baixo chegar ao Palácio do Planalto”.

Isso não faz muito tempo, isso faz pouco tempo. E desde aquele tempo eu lembro da briga que você, que Jorge Viana, que Simbad, que Chico Mendes, que Raimundão, que o Tião Viana, que tantos companheiros fizeram no Acre, tantos companheiros fizeram no estado do Amazonas, fizeram no Pará, fizeram no Mato Grosso, fizeram em Rondônia. O que não falta são companheiros que a vida inteira lutaram para que as pessoas pudessem entender que não era possível alguém sair de São Paulo, queimar uma imensidão de terras, achando que lá poderia criar gado ou plantar café, sabendo que não ia dar certo.



Foi por isso que você veio para o Ministério. Porque olhar para a sua cara é olhar para a cara do meio ambiente deste País, é olhar para a cara das pessoas que querem preservar este País. Houve até quem escrevesse que parece que a relação Marina e Lula estava abalada. Eu posso te dizer, Marina, que o carinho, o respeito e a nossa relação de amizade fazem com que, nos momentos em que a gente teve maior divergência, a nossa amizade fosse inabalável. Não existe nada que possa dizer: o Lula está magoado com a Marina. Não existe. E não ficarei contrariado se o contrário não for verdadeiro. Porque as pessoas precisam compreender que a relação entre os seres humanos é, possivelmente, a coisa mais profunda que acontece na nossa passagem pela Terra.

Lembro que, um dia, minha mãe disse para mim: “Meu filho, você só descobre o valor da pessoa quando a pessoa não existe mais”. Isso, na vida cotidiana de quem tem filho é a coisa mais natural. O filho, quando é solteiro, dá pouca importância para o pai ou para a mãe, porque ele tem uma vida toda pela frente. Quando ele casa, que tem um filho, ele volta para casa ligeirinho, todo final de semana.

Eu tenho a convicção, Marina, de que você volta para o Senado para continuar a sua trajetória. E tenha convicção de que o que você fez, que não foi reconhecido ainda por muita gente neste País, será reconhecido ao longo do tempo. Afinal de contas, a história mostra que está cheio de gente, no Brasil, reconhecidas depois de 30 anos, 40 anos, 20 anos, 10 anos. Às vezes, demora tempo para as pessoas reconhecerem. E aqueles que te prejudicaram, aqueles que não deram valor a muitas coisas que você fez, certamente, daqui a alguns anos, estarão dando valor.

A única coisa que nós não podemos aceitar é que a sua importância se dê apenas pelo fato de que “parece” que tem uma briga da Ministra do Meio Ambiente com o Presidente da República. Nós já tivemos, na história do PT, gente que mereceu páginas de jornais porque brigava contra o PT. Quando



falava mal, merecia páginas inteiras, quando falava bem, nem um rodapé. Isso acontece na nossa experiência.

E o seu valor, Marina, transcende isso. Para mim, tenho certeza que para os companheiros do governo que conviveram com você. E poderia dizer, sem medo de errar: a grandeza que você tinha antes, a grandeza que você teve durante o governo, e a grandeza que você tem, como formação, como quase que profissão de fé, não vai diminuir nunca, porque a pessoa que formou a personalidade que você formou, lutando 24 horas por dia para ter um espaço na vida política deste País, não se deixa acreditar nas coisas fáceis que se apresentam para nós.

Portanto, Marina, eu, de coração, sou agradecido pelo que você fez, nesses cinco anos e meio de governo. Quero desejar a você, no Senado, a mesma tenacidade e a mesma alegria que você teve no governo. E tenho certeza que você continuará no Senado, brilhando com a mesma competência com que você brilhou no Ministério. Aqueles que ainda não sabem disso, logo, logo, irão descobrir a importância que você teve, neste governo.

Ao querido companheiro Carlos Minc, que já falou, numa semana, mais do que a Marina falou em cinco anos e meio. E para provar que não é contra a Amazônia, veio de verde. E veio com uma tarja preta dizendo: É proibido desmatar a Amazônia. É isso que significa essa gravata dele.

Minc, sabe como é que eu me sinto aqui, hoje? Você está lembrado de um jogo, na Copa de 1962, quando o Pelé foi tirado de campo? Você lembra quando o Pelé foi tirado de campo? Você devia ser muito jovem, eu já tinha idade para ver. O Pelé se machuca, tiram o Pelé de campo, e todos os brasileiros, otimistas como sempre: “Acabou, o Brasil perdeu”. E, aí, colocaram um menino chamado Amarildo, e ele fez os dois gols brasileiros. E o Brasil, que teve no Garrincha o maior astro daquela Copa do Mundo, se transformou em bicampeão mundial.

Se eu quisesse fazer uma analogia ao futebol, faz de conta que você



está entrando no lugar do Pelé. E é importante lembrar que o Pelé não era insubstituível, porque depois de 1962, de o Brasil ser campeão do mundo sem o Pelé, o Santos foi campeão do mundo sem o Pelé, também, contra o Milan, num jogo em que o Pelé não pôde jogar, o Amarildo jogava no Milan, e entrou um pernambucano chamado Almir. E o Santos foi bicampeão mundial.

Eu sei da sua relação com a Marina. Eu não estou tirando um estranho e colocando um estranho. Na verdade, você e a Marina militaram muito tempo juntos, só que um levantando de manhã, abrindo a janela e vendo a floresta do Acre, e o outro vendo a praia de Copacabana. As duas precisam ser preservadas: a praia de Copacabana e a floresta Amazônica. Então, eu quero desejar a você, meu querido, toda a sorte do mundo. E quando tiver dúvida, não tenha nenhuma vergonha, telefone para a Marina e converse com a Marina, que eu tenho certeza que ela será a sua parceira.

Ao companheiro Capobianco, secretário-executivo da Marina durante todo esse tempo, companheiro que assumiu como ministro, interinamente, eu quero te dizer, Capobianco, que muitas vezes insinuava-se que o Capobianco era a verdadeira ONG dentro do Ministério. E eu, que te conheci, também, antes de ser governo, posso te dizer uma coisa: eu, nesses 62 anos de vida, aprendi a respeitar as pessoas pelo caráter e pela lealdade. E quero aqui, de público, dizer para todo mundo saber: em todos os momentos que eu vivi com Capobianco, em todas as reuniões que participamos juntos, você, Marina, o Basileu, eu posso dizer para vocês que eu sou grato à honestidade que vocês tiveram conosco nesse período. Porque muitas vezes se vende facilidade: “Ah, é fulano de tal que não quer dar uma licença prévia para tal coisa”. Mas, muitas vezes o que não aparece é que o pedido de licença não está completo, (inaudível) não foi bem feito. Nós temos casos de empresas públicas brasileiras que não fazem as coisas bem feitas e depois é mais fácil jogar a culpa em cima de quem tem que dar licença. Eu aprendi isso no governo, por isso quero agradecer também a você a lealdade e o companheirismo que você teve nesse



período todo.

No mais, quero dizer para vocês, para terminar: aqui neste governo não existe política de ministro “A” ou do ministro “B”. Aqui nós aprendemos, inclusive por sugestão da Marina, a criar uma coisa chamada transversalidade, em que, muitas vezes, sentam 19 ministros em uma mesa para discutir um tema, seja ele meio ambiente ou TV digital, seja ele integração do São Francisco ou seja ele combate à seca ou à enchente. Nós aprendemos que decidir coletivamente às vezes demora mais, mas quando a gente delibera, as coisas funcionam infinitamente melhor. O que era grave era quando governos que passaram por aqui tinham um Ministro do Desenvolvimento que pensava uma coisa, o Ministro da Fazenda pensava outra, o Ministro do Meio Ambiente pensava outra, o da Ciência e Tecnologia pensava outra e as coisas nunca aconteciam, porque os ministros não sentavam para deliberar coletivamente junto com o Presidente. Eu estou dizendo isso, porque a Marina volta ao Senado, o Minc assume o Ministério, mas a política ambiental do governo é aquela que está no Programa que me fez ganhar as eleições em 2002 e 2006 e ela tem que ser cumprida. A lei será cumprida sempre. Nem o Ministro do Meio Ambiente pode tentar desrespeitar a lei e muito menos aqueles que querem derrubar uma árvore podem desrespeitar a lei. A lei existe para o Presidente da República e a lei existe para o mais humilde dos brasileiros. Se nós quisermos fazer algo diferente do que está na lei, nós temos que mudar a lei e não passar por cima dela, porque passar por cima dela significa transgredir uma coisa que democraticamente foi aprovada pelo Congresso Nacional. E isso vai continuar acontecendo. Seremos duros com quem cometer erros e seremos justos com aqueles que cumprem as regras legais que estão estabelecidas no nosso País.

Que Deus te abençoe, companheira Marina, que Deus te abençoe Capobianco e que Deus, além de te abençoar, te dê muita sorte, companheiro Carlos Minc.

Um abraço a todos vocês.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

(\$211A)